



ESPECIAL FORA COLLOR – 20 ANOS

Angélica Müller*

Felipe Maia*

Em 1992 o Brasil viveu um dos maiores ciclos de manifestações populares de sua história. Centenas de milhares de brasileiros participaram de uma avalanche de demonstrações públicas que terminaria por levar ao impeachment do então presidente da República, Fernando Collor de Mello, acusado de corrupção e enriquecimento ilícito durante seu mandato na Presidência. Embora mobilizassem um conjunto variado de segmentos sociais as manifestações tinham uma inequívoca liderança estudantil, que se fez presente do princípio ao fim dos protestos com sua linguagem, suas formas organizativas e conteúdo político próprio. A presença massiva dos estudantes nas ruas de todas as principais cidades brasileiras dava um tom descontraído aos protestos, com suas músicas, seus rostos pintados e sua indignação frente às atitudes do então presidente.

A maior expressão política dessa juventude veio das organizações estudantis nacionais, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), que desempenharam papel decisivo na estruturação, na difusão e na construção política do movimento. Vindas de longa trajetória de representação estudantil e de lutas heroicas contra o regime militar, as duas grandes entidades nacionais surpreenderam muitos dos observadores políticos da época, que julgavam serem estas apenas um resquício da história pregressa do país. Tendo à sua frente jovens de rara sensibilidade política, a UNE e a UBES foram determinantes para o curso que o movimento seguiu e esta experiência marcou a socialização política de toda uma geração de estudantes.

Collor terminaria seu mandato de forma abrupta, isolado e condenado por muitos de seus antigos apoiadores. O episódio decisivo teve curso no Congresso Nacional, quando esmagadora maioria dos deputados federais votou a favor de seu impedimento na função de presidente da República e suspendeu seus direitos políticos. A votação, assistida em praças públicas por milhares de brasileiros, lembrava a escolha de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral de parlamentares, oito anos antes, encerrando simbolicamente a ditadura militar. O país experimentava um liberdade política nova e a juventude fazia uso dela, demonstrando no espaço público sua insatisfação não só com o comportamento ético do então presidente, mas de forma muito sentida, com o rumo que pretendia dar ao país, de matiz liberal – conservador.

Neste sentido, achamos interessante trazer ao público diferentes narrativas deste momento histórico através dos seus próprios personagens. Os trechos de depoimentos aqui apresentados fazem parte do acervo do Projeto Memória do Movimento Estudantil (PMME). Foram selecionadas as perguntas relevantes à temática e preservouse, a partir das perguntas originais, a transcrição integral das respostas.

O PMME foi uma iniciativa da UNE em parceria com a Fundação Roberto Marinho, Museu da República e Petrobras ocorrido entre os anos de 2004 e 2008. A preocupação pela recuperação e a preservação da memória e

*Angélica Muller é Doutora em História pela Université de Paris 1-Panthéon Sorbonne e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

Profa. do PPG de História da Universidade Salgado de Oliveira e pesquisadora-associada do CHS/Paris 1. Membro da Comissão Editorial desta revista.

*Felipe Maia é doutorando em Sociologia no IESP-UERJ e editor desta revista.

da história do movimento estudantil brasileiro foram os principais objetivos deste projeto que produziu um Guia de Fontes, a organização de um acervo de documentos e da coleta de depoimentos orais de militantes. Para tanto, o mesmo foi dividido em três grandes fases.

A primeira fase do PMME consistiu no levantamento da documentação histórica sobre o ME, junto aos principais arquivos de instituições públicas e privadas dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O intuito foi produzir um Guia de Fontes sobre a história do movimento estudantil no Brasil. O guia apresentou um resumo sobre cada fonte listada, dando informações sobre seu conteúdo, acervo de origem, número de páginas etc. Os documentos primários (tex-

tuais e iconográficos) serão descritos também quanto à sua natureza (manuscrito, impresso, fotográfico etc.) e suas características físicas (número de páginas, tamanho, preto e branco ou coloridas etc). Este guia foi disponibilizado no site do projeto.

A segunda fase foi a implantação de um arquivo de história oral. Através do programa de história oral, foram realizadas 100 entrevistas com pessoas ligadas à história do movimento estudantil brasileiro, selecionadas através do trabalho de pesquisa. Para cada depoente foi montado um perfil biográfico, a partir do qual foi construída a pauta da entrevista. Cada entrevista passou por uma checagem de informações e edição antes de ser disponibilizada para consulta externa, através do site, bem como os perfis biográficos disponibilizados. Estes depoimentos serviram de base para a historiadora Maria Paula Araújo escrever o livro: *Memórias Estudantis* e também para o cineasta Sílvio Tendler realizar dois média-metragens: "Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil" e "O afeto que se encerra neste peito juvenil", lançados ambos no ano de 2007.

A terceira fase consistiu na realização de uma campanha de doação de documentos sobre o movimento estudantil. Esta campanha mobilizou inúmeros ex-militantes para a doação de documentos pertinentes a esta história. Tratou-se de uma iniciativa ampla, que abrangeu as diferentes regiões do país em busca de diversos tipos de registros documentais. A finalidade foi tornar disponível estes documentos, que se encontravam dispersos, para consulta através do site do projeto. A organização deste acervo será o primeiro passo para a criação de um Centro de Memória na futura sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro.

Todo este material foi disponibilizado através do site www.mme.org.br, que ainda contém uma cronologia do movimento estudantil no Brasil, referências bibliográficas, galeria de fotos, personagens, curiosidades. O acervo se encontra no Museu da República e, no momento fechado para consulta. Para o ano de 2013, a UNE já está em tratativas com o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) para abrigar o acervo temporariamente, até a construção do seu Centro de Memória na Praia do Flamengo, e com isso propiciar a abertura de importantes fundos documentais para a história política e cultural da história do Brasil recente.

Lindberg Farias

Luís Lindberg Farias Filho nasceu no dia 8 de dezembro de 1969, na cidade de João Pessoa. Filho de Luís Lindberg Farias e Ana Maria Nóbrega Farias.

Em 1988 Lindberg Farias entrou para o curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No mesmo ano filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB). No ano seguinte passou a fazer parte do diretório acadêmico de medicina e do Diretório Central dos Estudantes da UFPB. Foi eleito secretário-geral da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1991, quando mudou-se para o Rio de Janeiro. No ano seguinte foi eleito presidente da UNE no Congresso realizado em Niterói (1992), tendo presidido a entidade durante o movimento do "Fóra Collor".

Em 1994, Lindberg Farias foi eleito deputado federal pelo PC do B no estado do Rio de Janeiro. Em seu mandato fez parte da Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados. Em 1997



deixou o PC do B e entrou para o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Em 1998 candidatou-se a reeleição, mas apesar de obter 74 mil votos não se elegeu porque o seu partido não atingiu o coeficiente mínimo de votos. Em 2001 o ex-presidente da UNE se desligou do PSTU por não concordar com a decisão do partido em lançar candidato próprio à presidência e filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT). No PT conquistou novamente o mandato de deputado federal em 2001, tendo atuado na Comissão Mista de Reforma da Previdência. Em outubro 2004 Lindberg Farias foi eleito prefeito de Nova Iguaçu com 57,74% dos votos, tendo conquistado a reeleição em 2008. Em 2010 disputou e venceu as eleições para Senador no estado do Rio de Janeiro, mandato que exerce atualmente.

Dos Congressos da UNE ao Fora Collor:

(...) Acabei entrando no movimento estudantil nacional uma geração depois em que houve um avanço muito grande, um marco da política nacional, que foi a aprovação da proporcionalidade da gestão do [Cláudio] Langone. Isso provocou uma quebra, porque antes era o seguinte: havia uma briga entre o PCdoB e o PT, que era uma pancadaria, um negócio impressionante! O primeiro congresso da UNE a que fui aconteceu nessa época, em São José dos Campos. O congresso teve que ser dividido no meio: a turma do PT ficou de um lado, com um pessoal

fazendo cordão de isolamento e a turma do PCdoB do outro; racharam o congresso. Acho que o estudante que não tinha nenhum partido ficava completamente perdido ali e muita gente deveria estar trabalhando junto. Quando houve a proporcionalidade da gestão do Langone, as chapas tiveram que compor uma mesma retórica. Isso, mais à frente, foi uma perda, mas no começo funcionou muito bem. Foi na gestão do Langone que funcionou melhor a proporcionalidade. Eram muitas as coisas que nos aproximavam, na verdade quase tudo... Por isso, acho que foi um grande avanço. Esse congresso em São José dos Campos foi uma coisa terrível... eu já era comunista, mas estudei o que era mais independente ali. Lembro que tinha um sujeito aqui no Rio de Janeiro que se chamava Afonsinho - irmão de um cara que fez parte da UNE na minha gestão - que era muito gozador. Ele disse: "Vou ficar aqui para me divertir e criar um movimento independente" - algo assim. Em vários congressos da UNE havia gente reclamando da partidização. Mas o Afonsinho inventou essa brincadeira nesse congresso de São José dos Campos. Juntava uma multidão e ele falava: "E agora, gente? O que faço?" Na verdade essa turma de estudantes independentes tinha razão. Essa era uma época histórica muito diferente. Lembro que havia uma história de vanguarda, faziam panfletagem de documentos sobre a Albânia, sobre o papel de Trotsky na Alemanha no restaurante universitário da Paraíba, isso chega a ser ridículo! Eles estavam completamente distanciados, em alguns momentos, da vida real dos estudantes. Era um negócio meio maluco, se a

gente analisar hoje: a nossa turma lançava uma carta e, no outro dia, começavam esses debates. Quando entrei no movimento estudantil, havia uma efervescência grande nas universidades, uma virada de esquerda, com muita passeata e greve, pois era o governo Sarney. Mas algumas organizações partidárias tinham um debate que eu achava também muito distanciado do mundo real. Agora, havia um outro lado da nossa formação: tínhamos que estudar para sermos respeitados no movimento estudantil, não adiantava só ficar dizendo: "Aê pessoal vamos..." Era necessário saber um pouco de história, conhecer a Revolução Russa, as correntes todas, o cara precisava ter formação, um certo grau de instrução, o que acho que caiu muito. Existe um lado positivo no movimento estudantil, mas há também um lado negativo. Não sei se hoje se formam quadros políticos tão completos como na década de 1980. Existe uma turma que continuou a história do movimento estudantil ainda da década de 1960 e 1970, em que a luta não era só do movimento estudantil, mas também do mundo.

As lutas do movimento estudantil nos anos 1980 e a candidatura de Lula:

Às vezes, a década de 1980 entra para a história como um nada, isso é um equívoco. O desfecho disso, analiso como parte de um mesmo processo político, estamos vivendo uma evolução da organização popular. Às vezes, falam muito da década de 1960, mas a de 1980 foi fantástica! Havia a luta contra a ditadura militar, veio a anistia em 1979, desencadeando um processo crescente até a campanha das "Diretas Já" em 1985; ocorre também o processo de reorganização do movimento estudantil nas universidades. Depois, vivemos o governo



VELHOS TEMPOS Lula participa de manifestação pelo impeachment de Collor, em frente ao prédio do STF, em Brasília

Sarney que foram anos de crise. O movimento estudantil foi para as ruas em todo o país, era passeata de tudo. Lá na Paraíba, eu sentia a própria a insurreição revolucionária quando aumentaram a passagem de ônibus e houve um levante com coquetel *Molotov*, ônibus incendiados. A campanha do Lula, em 1989 foi outra movimentação fantástica, não era só uma campanha eleitoral, era um movimento de massas. Para se ter uma idéia de como era o clima do período, eu estudava na Faculdade de Medicina; chegava com a bandeira vermelha enrolada, encostava a bandeirinha vermelha ali na sala e assistia à aula. Mas não era coisa só minha, a gente saía da universidade depois do meio-dia com as bandeiras e ia se encontrando no centro da cidade. Isso não tinha nada a ver com o Lula, era uma outra história, havia um sentido quase de insurreição muito forte porque 1989 foi um marco, com a queda do muro de Berlim, e a história do Leste Europeu, era uma coisa mundial. Mas aqui ficamos um pouco na contramão da história do mundo, acabou com a vitória do Collor... Os anos 1980 foram tão fortes com a campanha do Lula e todo aquele processo aqui no Brasil, pois o mundo inteiro perguntava na época do *impeachment*: "O que aconteceu? O mundo todo está parado com esse jeito..." No mundo inteiro, só o Brasil e a Coréia tinham vivido um pouco aquilo. Acho que aquele momento em 1992 foi certo rescaldo dos anos 80. Eu me lembro como nunca, quando o Lula perdeu a eleição, fui passar depois do *réveillon* lá no Nordeste, em Natal e em João Pessoa, fui com a minha família. Existe um lugar em Natal onde, depois do *réveillon* as pessoas se reúnem na praia, junta todo mundo. Nunca chorei tanto na minha vida, eram duas ou três horas da manhã, acho, todo

mundo já tinha bebido um pouco e começamos cantar a música: "Lula lá, brilha uma estrela..." Mas cantavam chorando, um choro coletivo, então, aquilo ficou preso numa geração, eu era novo, mas tinha toda uma turma que vinha lutando desde o fim da ditadura, um processo que foi se completando ali e aquele negócio...

O Fora Collor e o movimento estudantil:

Acho, então, que em 1992 foi um pouco a resposta disso. O Collor dizia: "Isso é coisa de quem perdeu a eleição." Não era isso, mas tinha



de fato um debate ideológico de pulsões, quando houve as denúncias de corrupção, com a derrota ali de 1989 e tudo isso... Mas havia uma base social nova formada já um pouco antes, porque entrou uma garotada fantástica de 14, 15, 16, 17 anos no movimento do *impeachment*. Mas gosto muito de ver esse processo num todo. Houve gente que disse: "Isso é coisa dos trotskistas. Os trotskistas chegaram para aterrorizar." A verdade é que houve um processo de "permanência revolucionária" — esse é um termo do Lula! — que vai desde 1979, com a resistência à ditadura, até 1989 e que teve um desfecho negativo, como se fosse uma vitória da direita que fecha um ciclo. Em 1992, tínhamos força e bagunçamos um pouco o coreto, o que deu uma medida de novo, criamos um clima de transição. Mas na vitória de Fernan-

do Henrique Cardoso, eles retomaram o projeto anterior. Mas colocamos o projeto deliberado em xeque por uns 2 anos com aquela tirada do Collor e a desarticulação devido ao próprio caráter híbrido do começo do governo Itamar, entende? Achávamos de fato que podíamos interromper um processo se o Lula tivesse ganhado em 1994. Houve muita polêmica no movimento estudantil sobre o que fazer naquele movimento do 'Fora Collor', acho que poderíamos ter ido mais fundo, não sei... tenho muitas dúvidas sobre isso, poderíamos ter pedido eleições diretas, exigir um pouco mais. Eles estavam com um abacaxi nas mãos, porque o Collor estava naquela situação, não havia mais governabilidade e um estado importante como São Paulo se levantou contra ele por causa de ações truculentas. Só que demos de bandeja, podíamos ter exigido mais uma coisa... Com a crise, se houvesse eleição para presidente naquele momento era uma vitória massacrante do Lula. Na verdade, é importante ver o Lula ali e ter outro Lula nessa conjuntura de hoje — a conjuntura de hoje é muito difícil também — mas, naquele momento, existia uma brecha política maior no mundo para uma gestão do tipo mais desenvolvimentista e menos essa política econômica ortodoxa. Aquele foi um momento da história fantástico e o movimento estudantil desempenhou um grande papel. Acabei falando... já dei minha entrevista toda...

Lindberg, como foi o congresso de Campinas que elegeu a Patrícia de Angelis? Quais as correntes que estavam na disputa pela presidência da UNE?

Esse congresso em que a Patrícia foi eleita foi fantástico do ponto de vista da disputa política do movimento estudantil. O PCdoB voltou à UNE, o que ninguém esperava que

fosse acontecer, por isso foi um congresso imprevisível. Na gestão anterior, do Cláudio Langone, no qual houve a vitória da proporcionalidade. Então, ganhou um chapa que era dirigida pelo PT e o vice era do PCdoB, um sujeito chamado Valde-
 mar, essa figura tem muita história do período na cabeça dele. Então, o PT e o PCdoB começaram a trabalhar juntos, foi um período de distensão daquela luta do movimento estudantil, de diminuição das disputas partidárias. Os congressos anteriores me lembro... O anterior à vitória de Langone acabou em pancadaria, o PCdoB foi embora e não quis reconhecer a direção eleita da UNE. O congresso era dividido por guarda-costas dos dois lados, uma loucura! Então, houve um avanço e aquilo começou a pegar em alguns estados: "Poxa, o pessoal lá na UNE está trabalhando junto, estão se dando bem..." começou a haver uma mexida nisso. Ao mesmo tempo, para



situar, ocorreu uma mudança na visão de mundo de um grupo muito forte do PT, chamado PRC [Partido Revolucionário Comunista], que sempre dirigiu o movimento estudantil. O PRC era uma organização revolucionária muito à esquerda a partir de um processo de qualificação interna. De uma hora para outra, ele viraram uma organização mais *light*, chamada Nova Esquerda... Estou tentando resumir como foi esse congresso: o principal grupo no movimento estudantil era o PT e o PRC, que era aquela organização aguerrida, que se dizia a nova esquerda e, com isso,

teve muitos quadros, mas perdeu muita força, porque era uma organização muito dura, mas que lutava e tinha força em todos os estados e de uma hora para outra... Então, é uma lógica que considero até correta: não querer disputar por disputar o movimento estudantil, querendo repensar... Esse processo aconteceu justamente quando o Langone era presidente da UNE. Foi um período muito bom dentro da União Nacional dos Estudantes, mas foi também um período de perda de força do PRC e também porque o PT vivia brigando internamente. Chegamos no con-

gresso de Brasília e o PCdoB disparava com 30% dos votos. Então se vê como existe a influência dos partidos, essa é a realidade. Há um cara chamado Renato Rabelo, que era do PCdoB na época em que João Amazonas era o presidente do partido. Ele surgiu do movimento estudantil na Bahia e era muito experiente, muito legal, com muita sensibilidade política, acompanhava os congressos. E foi do Renato Rabelo que ouvi essa definição: "Esse congresso é completamente diferente dos outros congressos..." Era um outro momento, a década de 1990 já era outra coisa,

não havia mais aquela marca da década de 1980: ou o cara era do MR-8 [Movimento Revolucionário 8 de outubro] ou isso ou aquilo. Havia uma garotada que andava brincando de um chutar o outro; aquilo não era uma característica do movimento estudantil nem das organizações partidárias, houve uma espécie de invasão de estudantes que não tinham nada a ver com a organização política. E esse cara – aí também se vê a função de dirigente político – ganhou o congresso da UNE com esse argumento: "Vamos fazer como na minha época, tentar atrair essa tur-

ma com o seguinte discurso: bancada por estado, vamos ser contra". Porque no congresso da UNE, ficava a turma do PT de um lado, a do PCdoB do outro, e os independentes? Ficavam chateados e iam embora. Então, esse cara fez uma coisa

mais ampla, para facilitar que os estudantes participassem. Mas quem teve essa idéia mesmo, sendo honesto com a história, foi o Renato Rabelo, hoje presidente nacional do PCdoB. Acho que o PCdoB também fez bem para o movimento estudantil naquela época, pois deu uma "distensionada" nessa história de partidização. Mas foi uma manobra também esperta, aquele jogo de xadrez em que ou o cara está aqui, ou o cara está do outro lado... Opa! Xeque-mate! O que fizemos? Destruímos isso. O cara gritava: "Agora sim, é a bancada por estado..." An-

tes diziam que viramos defensores da luta pela partidização. Lembro que eu e a Patrícia [di Angelis] ficamos para ser os candidatos para presidente de última hora, porque não éramos aqueles militantes carrancudos, que começavam dizendo: “Companheiros, camaradas...” Que nada! Éramos da galera, éramos muito novos: eu tinha 21 anos e acho que a Patrícia tinha a mesma idade. Lembro do nosso discurso: “Pessoal, isso aqui não existe... Não é porque sou do PT e o outro é do PCdoB que vamos estar separados aqui, porque há pessoas que não são de um partido nem do outro.” Isso então virou uma polêmica, o debate central do congresso e o que fez o PT? Dividiu, pois a bancada convocada pelo estado ficou um pouquinho imprensada, e a outra disse não: “Eu vou para a bancada por estado”. O partido rachou, eles viviam em plenário e não fazíamos mais reunião do PCdoB. Dissolvemos no meio de todos os Estados e foi uma vitória fantástica. Para piorar a situação deles, porque a maioria do PT era muito grande, tínhamos 30%. Havia um outro problema que era a Convergência Socialista, uma força que também estava rachando o PT e criando o PSTU [Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado]. Ficávamos doidos para a Convergência rachar, porque era mais voto para o outro lado. Lembro que existia uma chapa composta pelos grupos de esquerda: o PT, a Causa Operária e a Convergência Socialista. achamos que o negócio estava maluco e que tínhamos chance de ganhar. No final vencemos por 20 e poucos votos, e foi na política, sabe

aquela vitória linda da política? Quando se aposta num caminho e dá certo? Deixamos os caras zonzos, sem saber o que fazer. Era bancada por estado, nem dava para dizer que tinha reunião do PCdoB, foi uma coisa... O candidato natural era o Valdemar do PCdoB, que entrou em crise por causa da namorada. Ela era da Bahia e não queria isso, ia terminar o



namoro, esse negócio todo. Éramos todos garotos, 21 anos. Na véspera da eleição para a presidência da UNE, um sábado à noite, me levaram para um lugar bem distante. Lá estava Renato Rabelo, que era uma figura! Ele disse: “Nós estamos pensando que o candidato a presidente da UNE pode ser a Patrícia ou você. Eu queria saber se você toparia.” Topei na hora, porque achava fantástico esse negócio de ser presidente da

UNE. Nem consegui dormir direito... É engraçado como são as coisas, hoje não é mais assim, era muito partidário. E há o lado negativo disso que é a pouca participação do estudante, é o que vejo. No dia seguinte acordei e fui para a plenária. A Gisela Mendonça, uma figura maravilhosa, que também queria ser presidente da UNE, disse: “O candidato para presidente é a Patrícia.” Acabei sendo presidente um ano depois, participei daquele movimento do *impeachment* e dos “caras pintadas”. Se eu fosse eleito presidente um ano antes... Primeiro, acho que eu não teria maturidade, fiquei um ano como secretário geral e foi muito importante para mim, pois chegar de cara como presidente da UNE... Acho que a Patrícia também viveu muito, acho que acabou sendo muito bom para mim não ter sido presidente naquele ano, pois como secretário-geral eu viajava a muitos estados. No ano seguinte, virei candidato natural. Como não existia nenhuma disputa interna no grupo do PCdoB do qual fazíamos parte, acabei sendo um candidato consensual. Não havia divergência em relação a meu nome, até porque consegui atrair também

muitas pessoas. Fomos eleitos meio independentes, então, tentávamos fazer sempre uma aliança muito grande com os estudantes independentes, isto é, a turma que não tinha partido. Na verdade, do ponto de vista político também essa aliança era importante para nós. No outro ano, no congresso em Niterói, fui eleito com uma diferença apertada, foram 20 e poucos votos [de frente] porque a disputa era muito grande.

O congresso de Niterói foi muito mal organizado, ao contrário do de Campinas, que foi bom, houve muita discussão dos grupos, muita participação. Eu ficava desesperado, mas também, organizar congresso da UNE é uma loucura. Por problema de estrutura, furou o negócio da alimentação, furou tudo, não ia ter debates nas salas. O congresso se resumiu a um “plenário” num sábado e no domingo. Por isso ficamos dependendo da Convergência Socialista de novo, porque se a Convergência fechasse com o PT, ganhava da gente. Eu passava metade do meu tempo pensando em articulações e tinha outro grupo que não ia sair de jeito nenhum. Essas articulações no movimento estudantil são muito engraçadas. Na minha época, eram 50 grupos e havia um cara do DCE independente. Lembro que fizemos uma articulação com a Causa Operária – o grupo mais à esquerda que tinha no movimento estudantil – também queríamos tirar a Convergência do PT, para que ela fechasse com a Causa [Operária]. Ficávamos conversando com a Causa o tempo todo; lembro que havia uma proposta para entrar na diretoria da UNE: 10% [dos votos] para uma chapa poder entrar na proporcionalidade. Se tivesse menos de 10% dos votos não entrava, não ia compor. O pessoal da Causa Operária dizia: “Não, a Convergência quer colocar um negro na executiva da UNE.” Entende esse filtro? A Convergência vai fechar com o PT para colocar esse negro na executiva da UNE, mas vai ter que sair com o PT. Se você acaba com o filtro, a Convergência sai com a gente e acaba colocando um executivo da UNE. [...] encaminhei essa proposta e fui muito aplaudido pelos grupos que tinham mais oposição, grupos menores: “Puxa, que coisa democratizante!” Tenho que admitir que não

estava pensando só com a lógica democrática não, estava pensando com a lógica da disputa política interna. Este era também um movimento nosso para tentar afastar um grupo e jogar para outro lado. Consegui ser eleito com a diferença de 20 votos num congresso muito tumultuado que acabou às cinco horas da manhã. A última votação acabou às cinco e meia da manhã com todo mundo meio dormindo. Lembro que a oposição já estava sentindo um pouco que iria perder, porque a gente ia fazendo a matemática pelos estados, em frente do palanque e fazendo musiquinhas: “*Onde é, onde é, com a Patrícia anda de marcha ré, onde é, onde é, com Lindberg anda de marcha ré...*” No fundo, todo mundo era garoto, perdendo ou ganhando estavam zoando com o outro. Nessa disputa havia muito também daquele espírito ofensivo. Acho que essa é uma característica de muita gente que foi do movimento estudantil; isso se vê, inclusive, pela política lá fora. É preciso ser muito ousado e ofensivo no debate, porque se o cara vem e dá uma pancada forte no outro, ele vai ter que se defender. Então, o congresso de Niterói foi muito tumultuado, que provocou uma dúvida muito grande de novo na UNE. Meu pai brigou comigo muito, ele dizia: “Assim você está perdendo seu tempo. Retome seu curso” – porque atrasei, parei, tranquei meu curso, uma confusão... Acho que meu pai se sentia um pouco responsável por eu ter entrado nisso. Ele dizia que na época dele era outra história, a UNE tinha peso. [...] Eu já morava no Rio. Eu não dormia há praticamente três dias, estava completamente grogue, cansado, esgotado. Peguei a barca de Niterói para o Rio e depois tomei um ônibus; de tão cansado que estava dormi e perdi a parada, desci dois ou três pontos à frente, tive que pe-

gar outro ônibus e voltar. Eu não me sustentava, estava quase desmaiando e entrei no outro ônibus e perdi de novo o ponto. Eu não tinha condição física nem dinheiro para pegar um táxi, era um caos! Lembro que antes da primeira passeata pelo *impeachment*, foi uma maratona. Eu viajava e não tinha dinheiro nenhum. Peguei um ônibus para ir a um conselho de entidade lá em Brasília, cheguei lá e havia uma briga, pois os caras não queriam reconhecer a UNE. Aí peguei outro ônibus para ir ao encontro dos estudantes de Comunicação – isso na véspera da primeira passeata – em Belo Horizonte, e o ônibus quebrou no caminho, foi terrível! Tive que pegar outro ônibus, eu estava quebrado, cansado; chego lá no congresso da Comunicação e havia uma turma muito grande que era oposição, estava cheio de PT e não queriam deixar a gente falar, nem reconhecer a UNE. Saí dessa jornada triste e fui para São Paulo porque, no dia seguinte, 11 de agosto, seria a primeira passeata. No caminho eu pensava: “Puxa, meu pai dizia que eu tinha largado tudo na Paraíba, minha vida toda ali...” Mas aí convocamos essa passeata – já tinha havido uma outra antes, no dia 8 – e foi lançado o movimento pela ética na política. Engraçado, houve um ato público na Praça da Sé que não reuniu tanta gente, na verdade foram 5 mil pessoas, mas foi bom, porque estavam todos os partidos, lutando pela ética na política e contra o Collor. Tínhamos feito uma chamada anterior – Fora Collor! *Impeachment!* Diziam para a gente: “Isso é loucura! Na verdade, é radicalismo...” Por isso se vê que às vezes as bandeiras mais radicais não são, necessariamente, as mais estreitas; ao contrário, às vezes são as mais objetivas e mais amplas. Foi o caso do “Fora Collor”, tudo que ele pagou só

pela ética na política. A história do *impeachment* mobilizou muito... Cheguei, umas 5 horas da manhã na rodoviária de São Paulo e fui para a USP [Universidade de São Paulo]. Estava pronto todo o esquema: quem ia passar nas salas de aula era a UNE e fomos chamando as pessoas para a passeata do *impeachment*. Naquela época, havia uma minissérie da TV Globo, chamada *Anos rebeldes*; aquela história era fantástica! Havia a personagem de Malu Mader, que só queria saber da vida dela, do namorado, de casar. Já a personagem da Cláudia Abreu tinha um sonho, foi para a guerrilha... a turma se encantou pela Cláudia Abreu. Eu me lembro que o Bornhausen disse, na época: "O Roberto Marinho deu um tiro no pé." Outros diziam que foi a TV Globo que organizou as passeatas, mas na verdade, não foi uma coisa nem outra, ninguém podia imaginar que aquela minissérie fosse mexer tanto com o romantismo da juventude, e soubemos aproveitar isso. Fizemos um cartaz: *Anos rebeldes*, próximo capítulo: *impeachment*. O meu discurso era assim: "Pessoal, a juventude e os estudantes desse Brasil já lutaram muito contra a ditadura militar, temos que voltar às ruas." Era como se a minissérie tivesse dado uma breve aula de história do Brasil para a massa, um negócio impressionante... Lembro que a personagem de Malu Mader falava: "Eu gosto de *Sabiá*" [música de Chico Buarque vencedora do Festival Internacional da Canção, em 1968]. A personagem de Cláudia Abreu certamente diria que gostava de "*Caminhando e cantando*" [Para não dizer que não falei de flores, música de Geraldo Vandré, segunda colocada no festival], que refletia um pouco aquele debate do passado. Tempos depois, participei de um debate com o Gilberto Braga, em que declarei:

"Adorei *Anos rebeldes*!" Ele disse: "Puxa, pensei que você tinha alguma coisa contra." Respondi: "Não, acho maravilhoso!" Aquilo influenciou tanto que as passeatas do *impeachment* retomaram a história da resistência à ditadura e o papel dos estudantes, foi como se tivesse a florado de novo a história do movimento estudantil. Acho que essa história mexe com a emoção de qualquer um, principalmente, com os sentimentos dos mais jovens, que querem se entregar com força total. Ninguém podia imaginar que [...] não havia mais passeatas, não existia um movimento de massa com força no país, os movimentos tradicionais estavam desgastados; conseguimos fugir do padrão tradicional, começamos uma coisa nova. Aquele negócio de cara pintada surgiu por acaso. Eu nem gostava de pintar a cara, ficava até meio constrangido. Queriam pintar minha e cara eu dizia: "Não, pô, cara pintada..."

Por que pintar a cara de verde e amarelo?

Verde amarelo porque era o debate sobre o Brasil. Na primeira passeata, lá na avenida Paulista, com a turma da USP, quando cheguei em frente ao MASP [Museu da Arte de São Paulo] - que virou o nosso símbolo - eu disse: "Cara, não acredito! Uma loucura!" Aí o André Bezerra - outro cara da UNE da época que jogava comigo direto em Brasília, disse: "O que é isso?" Subiu um negócio, era uma coisa tão impressionante! Aquilo foi me tomando... Lembro



que desci do carro de som no meio da avenida Brigadeiro Luis Antonio e não sabia nem por onde ir; paramos lá no largo São Francisco e perguntei: "Qual o telefone da Direção Nacional do PT?" Se o Lula era a liderança, vamos chamar o Lula! Peguei uma fichinha e liguei, a [ex-prefeita de São Paulo Luísa] Erundina estava falando no orelhão comigo, tínhamos uma relação com ela porque era paraibana. O Lula e a Erundina acabaram indo lá só no final do ato, porque o movimento acabou surgindo com uma cara muito anti partidária. Na Argentina existem umas manifestações muito parecidas com aquilo porque o pessoal pinta a cara. Aliás, a cara pintada não surgiu na primeira passeata, foi depois. Ficamos muito preocupados, pois o Collor, depois da passeata, chamou o povo para sair de verde e amarelo no domingo. A passeata do dia 11 [de agosto], sexta feira, eu fui a Brasília ser recebido pelo presidente do Senado, o PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira] gosta disso. Na época, um diretor da UNE que era do PSDB, o Eduardo Saron - hoje inclusive vi na televisão que ele estava tomando conta de um instituto cultural do [Banco] Itaú - falou o seguinte: "Lindberg, precisamos construir uma relação institucional com o parlamento brasileiro". Ele estava certo, nos levou para conversar com o presidente do Congresso. Chegamos lá em Brasília na sexta-feira depois da primeira passeata; estávamos completamente perdidos, não tínhamos noção do que aquele movimento estava significando para o país. Eu disse ao Saron: "Puxa, o negócio aqui é forte." Havia uma bateria de jornalistas, câmera de tudo que era lado, rádio... Foi naquele momento sentimos o tamanho da história em que estávamos. Então, dei um toque numa moça e perguntei: "Moça, onde é a sala do



presidente do Senado?” Ela respondeu e ficou olhando para mim, pensativa: “Quem é você?” Outra cena engraçada aconteceu quando fui encontrar o senador Mauro Benevides com a imprensa toda presente. Só então nos demos conta da realidade da vida política. Eu estava certo de que ia conversar com ele, mas ele estava preocupado. Apertei a mão dele e falei: “Como vai, senador?” E ele: “Muito bem, muito bem...” E eu querendo conversar, mas não estava acostumado com esse mundo da *real politique*, da encenação, da foto... Existe uma foto histórica em que fiquei de fora porque não tive paciência. O Barbosa Lima, presidente da ABI, o Jair Meneguelli presidente da CUT, Marcelo Lavenere, presidente da OAB e eu fomos entregar o pedido de *impeachment* ao deputado federal Ibsen Pinheiro. Na hora foi juntando tanto senador... Era uma disputa por cada milímetro de espaço: você dava uma respirada, um cara virava o pé e ganhava meio palmo, era um empurra - empurra geral, só para sair na foto... Do meu lado estava um cara que adoro, Darcy Ribeiro. Fui ficando tão irritado com aquilo, que larguei e disse: “Não vou ficar nesse negócio com um bando de senadores enlouquecidos”. Hoje é uma foto histórica e não estou nela porque não agüentei esse tipo de coisa. Então, no domingo, em resposta ao chamado do Collor,

que tinha sido na quinta, convocamos uma passeata para as pessoas irem de preto. Para ser sincero e justo com a história, ninguém disse às pessoas para irem de preto; eu ia fazer isso e não fiz, porque viajei para Brasília nesse dia, fui de avião e lá estava também o Sérvulo da Cunha, da OAB-SP, um cara fantástico – há pouco tempo ele estava trabalhando no ministério da Justiça com o [ex-ministro] Márcio Thomas Bastos. Eu disse: “Sérvulo, vou chamar o povo para ir de preto no domingo”. Ele falou: “Não faça isso, é justamente o que o Collor quer, para ele se apropriar do verde e do amarelo.” O Sérvulo é muito esperto, mas depois fiquei com raiva disso porque foi muita gente de preto e se eu tivesse chamado aquilo teria se potencializado muito mais. Fiquei um bom tempo danado, mas nunca falei isso para ele. Fiquei pensando: “Ô conselhinho errado que me deram na vida!” Eu estava no Rio nesse dia. Minha irmã estudava Medicina lá – sei lá, já era médica – dormi na casa dela, em Copacabana, porque tínhamos marcado concentração no Rio também. Quando saí de casa, cedo, estava todo mundo na padaria, de preto! digo: “Opa!” Liguei para São Paulo e o pessoal estava todo de preto. Depois tentamos nos apropriar do verde e amarelo, pois não queríamos que o preto fosse a nossa cor, mas aquilo foi uma resposta importante,

pontual. Se ficassemos no preto, contra o verde e amarelo durante a campanha toda ia ser ruim, então, voltamos ao verde amarelo ali. A cara pintada surgiu por acaso, foi um pessoal de um colégio em São Paulo que levou... porque essa juventude que estava indo para a rua, não queria ser um a mais numa festa que... No palanque, todo mundo faz discurso e eles ficam lá. Então, o que mudou? As nossas passeatas não eram comícios como antigamente, a turma ia andando, pintava a cara, pois não queria só escutar discurso. Havia um verdadeiro jogo de palavras de ordem engraçadíssimo, que ia divertindo também as pessoas que estavam ali. Lembro dessa: “Rosane, Rosane... foi PC [Paulo César Farias] quem pagou suas calcinhas, né?” Essa era horrível, meio preconceituosa. Mas tinha de tudo: “PC, PC, você vai para a cadeia e o Collor com você!” Eu era e ainda sou um cara completamente sem ritmo, se você me pedir para eu cantar alguma coisa, não canto nada. A turma vinha cantando o tempo todo, mas eu só entrava nas palavras de ordem, pois as músicas eram mais fáceis e conseguia cantar. Mas tinham umas outras que exigiam um grau de ritmo e eu era um fracasso. Mas quando eu falava, a turma gostava, acho que se identificava mais comigo. Acho que a turma gostava de mim naquela época das passeatas por uma coisa... Eu não tinha estilo e era o cara mais novo dali, embora houvesse militantes mais tradicionais, mais velhos ou até mais jovens. O pessoal da Ubes [União Brasileira de Estudantes] tinha o Mauro Panzera e o Totó [Antonio Parente], que era do MR-8, uma organização política que desempenhou um grande papel no *impeachment*. Vocês têm que falar com o Totó, ele vai contar histórias hilárias. A passeata

se transformava numa coisa muito viva, não era só discurso. Você tinha que ser quase um puxador de samba enredo e eu fazia isso. O Totó era um bom puxador de um lado, tinha o Mauro Panzera que era do outro e eu puxava o que eu sabia. Na verdade, eu jogava para eles e ficava administrando. Era um tipo de manifestação diferente. Agora, muito desse espírito de 1968 veio com muita força ali naquela passeata. Foi aí que pegamos os *Anos Rebeldes* e puxamos para aquele momento; caiu como uma luva e acho que acabou estimulando o nosso discurso. Na verdade, a minha cabeça estava muito em 1968. O engraçado dessa história era que o Caetano Veloso acabou virando uma polêmica só (aquela turma militante mais de esquerda de 1968 tinha muita bronca de coisas até legais, especialmente, no que se referia ao Caetano). O curioso é que essa mesma turma depois vai às ruas e protesta também! Isso voltou em 1992, e revigorado. Existe até uma história que é preciso pesquisar direito: em 1968, no Festival da Canção, aconteceu uma polêmica grande, a turma mais de esquerda, mais organizada, vaiou o [Gilberto] Gil, mas, na verdade, todos estavam torcendo por uma música mais engajada, *Para não dizer que não falei das flores*. Essa geração veio com um jeito mais leve e, quando voltou ao passado, foi dessa forma mais leve, não sei se é o caso de alguém um dia estudar isso.

Mas como se davam esses questionamentos na Executiva da UNE, quanto à questão das passeatas pelo impeachment? Havia alguma tensão interna na diretoria?

Muita! Movimento estudantil sem tensão interna não é movimen-

to estudantil. Agora, vale dizer que o racha da Ubes foi depois. Existiam dois coordenadores no momento de fusão da Ubes, quando o PCdoB e o PT se juntaram, essa fusão foi importantíssima. A história tem que registrar o papel do MR-8 naquele processo do *impeachment*, pois a Ubes botava aquilo para andar. Nós do PCdoB cumríamos uma função lá, mas hoje, fazendo uma avaliação, acho que o papel fundamental, principalmente entre os secundaristas, foi do MR-8; sem ele não teria havido a organização daquelas passeatas do *impeachment*. A Ubes começou a ter problemas depois do congresso – participei assistindo – em que o PCdoB ganhou do MR-8. Isso rachou a Ubes, que perdeu muita força, nunca mais voltou ao que era. Foi muito ruim, porque o MR-8 era de fato uma força muito importante do movimento estudantil secundarista de São Paulo. Eles eram articulados, organizados. Esse Totó era danado, uma figura! Foi o único cara do movimento estudantil que ficou amigo do Itamar Franco, era muito ousado, despachado. Pegava o telefone e ligava: “Presidente, aqui é Antonio Parente, Totó. Presidente, como está?” la falando, depois contava histórias dos telefonemas dele: “Ah, falei com Itamar...” e falava mesmo. O Itamar era um sujeito que veio de lá... Houve aquele movimento e o Itamar assumiu. Os primeiros a serem recebidos pelo Itamar fomos nós, sabia? Lembro até hoje da reunião com Itamar Franco; eu tinha ido à Paraíba ver meus pais e o Fernando Gusmão tinha ido a Pernambuco. Fernando Gusmão pegou um ônibus em Pernambuco para a Paraíba, sentamos lá e eu disse: “Fernando Gusmão, vamos redigir um texto com as nossas exigências ao governo de Itamar

Franco.” Começamos a escrever – olha que coisa improvisada! - e botamos lá que éramos contra as privatizações e tal. Lembro que saiu editorial em todo lugar falando dessa reunião do Itamar conosco. Mas existia muita tensão. Lembro de outro episódio, com o Brizola. Um cidadão chamado Rovilson [Britto], da UJS [União da Juventude Socialista], me disse: “Lindberg, o Brizola está querendo sair.” Eu disse: “Será, cara?” Toda vez os caras tentavam me jogar contra o Brizola, porque ele estava com Collor na [construção da] Linha Vermelha. Eu sempre o poupava, porque meu pai o adorava. Eu também gostava muito dele, do seu estilo e conhecia ao seu papel na história. Brizola tinha feito umas criticzinhas à gente, porque havia um movimento golpista na Argentina que era cara pintada. Ele dizia: “Os caras pintadas estão vindo aí, os golpistas...”. Ele tentou dar uma base teórica ao Collor, tentou dizer que era um movimento golpista, como as manifestações de massa contra o Getúlio, que foi uma das cenas impressionantes da história: o movimento estudantil esteve ali pedindo a queda do Getúlio e ele se matou. No outro dia, as mesmas pessoas foram para as ruas e os que antes gritavam: “Viva Lacerda! Morra Getúlio!”, agora gritavam: “Viva Getúlio. Morra Lacerda!” Foi um fato histórico, mas o Brizola tentou... liguei para o Brizola, que marcou o encontro na hora. Fomos eu e o André Bezerra conversar com ele; foi uma conversa divertidíssima porque ele estava querendo um pretexto para sair já... Aí falei: “Governador, primeiro, vou falar da minha admiração pelo senhor, na campanha da legalidade”... Ele ficou enlouquecido com a conversa, aí saímos e ele falou: “Chama a imprensa aqui então.”



Ele disse: “Os meninos me convenceram. Tive uma conversa com o pessoal aqui e os garotos me convenceram, argumentaram e tal”. E marcou um ato pelo *impeachment*, só que ele tinha que arrumar um discurso, mas não era só contra o *impeachment*, contra [Orestes] Quércia, contra isso, contra aquilo... Ele achava que o Quércia do PMBD era adversário dele. Aí armou-se o problema: o Quércia gostava do Brizola, mas era nacionalista do MR-8. Aí quando fomos encontrar o Brizola, ele mandou me chamar e disse: “Eu não recebo o MR-8, não tem jeito, esses caras são a favor do Quércia e ele é um ladrão...” Esculhambou o Quércia e disse que não ia receber o MR-8. Isso criou um problema! Porque tínhamos uma turma do PT e havia também a disputa dos seus candidatos. O pessoal do MR-8 foi à diretoria da UNE e disse: “Não vamos ao ato que o Brizola vai fazer.” Eles se juntaram com o PT, botaram para votar e nós, do Pcdob, perdemos a votação. Na verdade, estávamos com a razão, queríamos ampliar o movimento e conseguimos, num estado importante como o Rio de Janeiro. Então eu disse: “Tudo bem, a UNE não vai, mas vou.” Isso provocou muito debate no movimento estudantil, o fato de ter aceitado e me enquadrado – mas não me enquadrei, fui ao ato pelo *impeachment* organizado pelo Brizola, que reuniu cem mil pessoas. Foi uma guerra no movimento estu-

dantil, pois eles não respeitaram, mas acho que fizemos o certo. Esse foi um ato muito importante, que marcou uma relação do Brizola com a UNE, no período em que ele ia nos ajudar a recuperar o terreno junto com Itamar Franco. Esse foi mais um episódio de muita tensão dentro da diretoria da UNE. Na verdade, vale dizer também que, no início do PT, o movimento estudantil não acreditava nesse movimento nosso; quem acreditava era o PCdoB, o MR-8, a Convergência Socialista que hoje é o PSTU. A Convergência Socialista é o seguinte: se é chamada para fazer passeata, greve, mobilização, eles vão em todas, gostam, são lutadores e merecem todo respeito. Então, eu dizia: “Vamos!” E eles: “Vamos.” Os caras do PT, no começo, ficaram meio ariscos, porque havia disputa interna, então, era essa coisa do PCdoB. Mas eles vieram, mesmo porque o PT achou a coisa fantástica. Fiz esse gesto na primeira passeata, chamei o Lula e a Erundina, eles vieram um pouco e foi a época em que acabamos nos entrosando muito com o PT. Foi um período em que diminuíram as tensões com o pessoal da USP. Havia duas Paulas que eram as líderes estudantis da USP; uma era a Paula Lousada e a outra Paula Louzane. Elas viraram duas grandes amigas. A primeira trabalha na Assessoria Jurídica da Casa Civil; a Paula Louzane está agora nos EUA e casou-se com um chileno. Acho que a

disputa interna diminuiu um pouco também por causa do tamanho do desafio. As coisas tomaram um volume tal... aí acho que a turma do PT via que a gente estava ali com o Lula todo o tempo. Eu me lembro – isso aqui não é para entrar – que o secretário-geral da UNE ficava encantado com essa proximidade da UNE com o Lula e me dizia: “Lindberg, me apresenta o Lula...” Então, foi um momento de disputinha política em que estávamos derrubando o presidente da república junto com o Lula. Nós nos encontrávamos sempre nos aviões, porque não marcávamos passeata num dia só, e sim em dias diferentes, porque o Lula comparecia a todas. Era ele quem falava sempre no fim, porque quando ele chegava era... O Lula foi uma grande liderança do *impeachment*. Havia dois tipos de movimento: as passeatas estudantis, que eram só de dia e aquelas quando havia as manifestações maiores, que juntavam a UNE e os partidos. No dia do *impeachment*, fui assistir lá na Câmara. Quando foi aprovado o *impeachment*, o Lula pegou na minha mão e na mão do [Jair] Meneguelli, uma cena que não esqueço nunca, emocionante! Nós saímos lá de dentro, pelos corredores da Câmara, o Lula ia andando e as pessoas aplaudindo. Saímos pela porta do Planalto e havia uma multidão lá fora, a turma toda. Eu era jovem, fiquei encantado com aquilo, com todo aquele peso do Lula, de mãos dadas com ele, vivendo aquele momento histórico, a derrubada do presidente. Foi um momento fantástico, não tenho isso filmado em canto nenhum, mas na minha cabeça ficou imortalizado. Depois do *impeachment*, os estudantes se sentiram muito fortes porque havíamos tirado o presidente. O Fernando [Gusmão] pegou todo o rescaldo das passeatas de mensalidades escola-

res; o cara começava qualquer coisa porque tínhamos muita força. Houve um dia, depois do *impeachment*, em que eu, o Mauro do MR-8, Leonardo Severo, outro cara do MR-8 e Ricardo Gomide, fomos a Brasília, numa reunião com o ministro da Educação que acabou às 3 horas da tarde. Decidimos: "Vamos fazer uma passeata hoje, aqui?" Arrumamos quatro megafones, nos dividimos e fomos cada um para uma escola, a turma descia e fizemos uma passeata gigantesca sobre a mensalidade escolar. Estou contando isso para mostrar a força que conquistamos depois que tiramos o Collor. Ele saiu em 1992 e fiquei presidente até o final de 1993. Organizamos passeatas quase do tamanho das do "Fora Collor" para lutar contra o aumento das mensalidades escolares e para a melhoria da educação pública. Fizemos uma aliança e havia setores da imprensa que estavam ali no "Fora Collor" que não tinham como bater na gente. Para esses setores, quando o Itamar entrou, a UNE virou porta-voz do que era mais atrasado. Éramos contra as privatizações, ficávamos lá dizendo: "Não pode privatizar, Itamar, não pode..." Era um grande debate, mas o que os caras queriam, na verdade, era retomar o projeto neoliberal todo. Aí começamos a apanhar tanto, tanto... Era pancadaria dos jornais em cima da gente! Só conseguimos sobreviver porque nos apoiamos nos estudantes e na massa. Eu me lembro que havia um jornal que batia tanto, que chegamos a fazer uma coisa errada: decidimos não comprá-lo mais! Eles sentiram a pancada que deu porque aí entrava também a história das universidades particulares... queriam mudar a lei... Então, eu pegava os jornais – também radicalizamos – e mostrava: "Olha aqui quem está patrocinando! Olha aqui, propaganda da UNIP [Uni-

versidade Paulista], propaganda disso, daquilo..." Nós nos seguramos ali assim, fazendo movimento, então, no segundo semestre, depois do *impeachment*, fizemos muitas passeatas. O Fernando Gusmão depois passou um ano inteiro organizando passeatas ainda em cima desse negócio do *impeachment*. O Fernando Gusmão não era candidato, já havia uma contestação dentro do PCdoB aqui, uma história envolvendo um dirigente, um cara que hoje respeito muito, o Aguiar, muito duro, um candidato gaúcho. Nós fizemos uma articulação, e o Fernando Gusmão foi o candidato, contra o nome oficial. Tiramos o Bertoti e o Fernando entrou por essa movimentação, depois foi uma coisa mais democrática.

Lindberg, como se dava essa mobilização dos estudantes para as passeatas do "Fora Collor"?

Nós montávamos uma estrutura. A primeira passeata foi assim: dividimos o pessoal secundarista nas principais escolas e conseguimos alguns carros de som. Essa foi a mais difícil e estourou, deu 20 mil pessoas, foi a grande largada. Não teve como a imprensa toda não noticiar, foi capa em todos os jornais, um *boom* no país, ninguém esperava aquilo. Só que as outras já tinham uma estrutura, montamos e conseguíamos com os sindicatos os carros de som. O movimento secundarista desempenhou um papel decisivo também, era muita gente. Isso virou uma pauta nacional, o

dia da passeata em São Paulo virava um acontecimento. A CPI em Brasília tentava marcar um depoimento mais importante e coincidiu com a passeata. Quando marcamos outra passeata em São Paulo, foi capa de jornal: "UNE chama outra passeata". Nós tínhamos uma mídia quase espontânea fantástica, porque estávamos vivendo um momento de crise política no país. Isso nos ajudou muito, pois as passeatas iam crescendo de forma impressionante. Fui a uma no Vale do Anhangabaú [São Paulo] e fiquei apaixonado pelo Vale do Anhangabaú quando havia as grandes passeatas. A Polícia Militar sempre bota o número de pessoas da passeata para baixo, mas perguntei ao comandante e ele disse: "Tem mais de 500 mil, pelo amor de Deus!" Se você comparar a foto do comício do Vale do Anhangabaú, com a do comício pelas "Diretas Já", a foto do *impeachment* é superior em muito à do comício pelas diretas. Nas fotos aéreas, é impressionante como tomava ali tudo. Temos essas fotos inclusive, vocês podem pegar. É uma coisa impressionante, eu adorava falar no Vale do Anhangabaú, era fantástico! Uma vez cheguei de um congresso de estudantes lá no Paraguai – aí já era outro momento, tinha passado o *impeachment* e o Suplicy era candidato – ia haver um comício



no Anhangabaú e me chamaram. Peguei um avião de volta. Falar no Anhangabaú não é qualquer coisa. São símbolos muito fortes daquela época. Então, montávamos uma estrutura de operação nas principais escolas e nas principais universidades, mas com o decorrer do tempo, era só marcar que já vinha todo mundo, a turma saía. Tenho guardada uma carta fantástica, de uma mãe que escreveu para um jornal, em que ela dizia o seguinte: “A escola só liberava do colégio quem os pais dessem uma autorização.” Vários colégios procediam assim, porque, em dia de passeata, criava aquele frenesi: os garotos de 12 anos: “Vamos na passeata!” E os colégios exigiam a autorização do responsável. Mas eles pulavam os muros. Nessa carta a mãe conta que o filho a desrespeitou, pulou o muro e foi para a passeata. Ela deu uma bronca no filho, foi dormir com aquilo na cabeça e escreveu uma carta linda, dizendo que ele estava certo por ter pulado o muro, porque ele estava lutando por um Brasil decente, um Brasil melhor. Então, as passeatas, no fundo, viraram isso, ninguém segurava mais, não tinha mais jeito, era uma onda. A imprensa, como é que se comportou? Existia um problema grande do Collor com São Paulo, aquela ameaça da *Folha de São Paulo*. Em determinado momento, a imprensa de São Paulo, *Folha* e o *Estado*, que começaram... Lembro que, na primeira passeata, todos os jornais deram a capa, menos *O Globo*. No outro dia, vieram correndo: “Demos uma barrigada e precisamos entrevistar vocês.” O Brizola tentou dizer isso desde o início: “A [TV] Globo está fazendo o movimento.” A minissérie *Anos Rebeldes* nos ajudou, mas quem imaginaria que um programa de televisão conseguiria despertar uma mobilização como aquela?

Não foi só a minissérie, fomos nós que soubemos utilizá-la bem. Nesse momento, senti que a Globo tentou dar uma seguradazinha. Depois não, depois aí todo mundo entrava, todo mundo cobria. O que eu via, no início também, era que mesmo nos jornais de São Paulo, *Folha* e *Estado*, tentavam tirar o nosso peso, tentavam esconder a UNE. No mundo editorial, o *Estadão*, hoje já não é mais assim. Na época, lembro que havia uma faixa da Causa Operária: “Aliança da Juventude Revolucionária”. Um dia depois da passeata esse era o editorial do *Estadão*: “O que é essa tal AJR?” Aquilo apavorava São Paulo. Aliança da Juventude Revolucionária... E estávamos fazendo outro movimento. Escrevi um artigo na época que dizia: “Nossas bandeiras não são vermelhas, nossa bandeira é azul, da UNE. Queríamos fazer um movimento para tranquilizar.” Aquilo não era coisa de partido de esquerda, o movimento era uma coisa mais ampla. No começo eles tentaram nos tirar, quando viram que nós é que estávamos à frente do processo todo. Em especial, eu, que tinha mais facilidade, até pelo linguajar. Eles tinham um discurso muito pesado: “Nós, companheiros, lutamos contra o neoliberalismo...” Eu fazia de propósito um discurso mais leve, que refletia um pouco aquela frente que estávamos vivendo, contra a política do governo Collor, falava muito da corrupção. Acabado o *impeachment*, todos quiseram nos matar, viramos os dinossauros da [série de TV] *Família Dinossauro*. Eu me lembro até de uma reportagem na revista *Veja* que me chamava de “Camarada *Babyssauro*”. Porque, depois de tirado o Collor, tinha um novo governo e éramos o símbolo da esquerda e contra a privatização. Só resistimos porque conseguimos engatar uma outra luta de massas, que a foi das

mensalidades escolares e da universidade pública; se não teríamos ficado meio desmoralizados.

Darlan Montenegro

Darlan Ferreira Montenegro nasceu em fevereiro de 1971, em Belo Horizonte. Filho de militantes políticos, Darlan começou a se engajar no movimento estudantil aos 17 anos, através do grêmio do Centro Educacional Anísio Teixeira (Ceat), em 1988, momento em que os estudantes das escolas privadas abraçaram a luta contra o aumento das mensalidades.

No movimento estudantil ingressou nas fileiras do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1992 foi eleito para o cargo de diretor de políticas educacionais da UNE e participou diretamente da campanha pelo impeachment de Fernando Collor de Mello. Foi vice-presidente da UNE entre 1993 e 1995.

Graduou-se em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. É doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Desde 2010 é professor de Ciência Política da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Darlan, qual é a tônica da pauta aprovada no Congresso da UNE antes do turbilhão do Fora Collor?

O congresso foi realizado já depois da instalação da CPI do PC [refere-se ao inquérito sobre Paulo César Faria, ex-tesoureiro de Fernando Collor de Mello]. Ele já se realiza dentro de um clima de denúncia de corrupção. Já tinha sido publicada a entrevista bombástica do Pedro Collor [irmão de Fernando]. A pauta de reivindicações era a tradicional: mais verbas, mais qualidade de ensi-

no, mais democracia nas universidades públicas. E nas particulares, menos mensalidade e mais democracia. Mais democracia nas particulares significa fundamentalmente respeito ao direito daqueles que fazem o Movimento Estudantil de permanecerem estudantes. Mas, como sempre, havia as bandeiras da conjuntura nacional. A principal delas, aprovada no Congresso da UNE, era "Fora Collor! Eleições gerais!" Essa era a proposta. A verdade é que a UNE já apoiava o Fora Collor desde 1991, antes dos escândalos de corrupção. Essa era a posição do PC do B. Não era a do PT, porque a Articulação, que era a maioria, era contra. Nas plenárias internas do PT, a gente sempre apresentava a proposta do Fora Collor e perdia. O Fora Collor foi aprovado nesse Coneb, o Conselho Nacional de Editais de Base, de dezembro, em 1991. Foi lá que conheci minha primeira mulher... primeira e até agora única... é ex-mulher, então é primeira mulher mesmo. Quero casar de novo, espero que não demore. Mas, enfim, isso é outra discussão... Nesse Coneb, a UNE já defendia a saída do Collor, mas num contexto em que a corrupção não era a questão central. A questão central era o processo de privatizações, de abertura econômica, havia uma leitura de que era um crime de responsabilidade, no sentido de que se desorganizava a nação para favorecer interesses internacionais. Foi nessa linha que se aprovou a pauta, uma linha mais politizada, inclusive, do que a mera discussão da corrupção, que seria a tônica do Fora Collor. No congresso de 1992, essa bandeira já existia. Ela ganha ímpeto por causa da questão da corrupção e foi aprovada junto com a de Eleições Gerais. Deveriam ser realizados o impeachment do Collor e novas eleições, não só para presidente, mas gerais. Mas a UNE

acabou não levando adiante as eleições gerais, e centrou o movimento no impeachment do Collor. Inclusive, depois, acabou dando sustentação à posse do Itamar Franco.

Darlan, como se deu o processo através do qual o Fora Collor foi tomando corpo e se transformando efetivamente num movimento de massa dos estudantes? Como isso aconteceu?

O 'Fora Collor' era uma palavra de ordem, como todas as da UNE nos últimos dez anos. Ou seja, lançávamos as palavras de ordem e meia dúzia de pessoas ouvia o que tínhamos a dizer. A UNE organizou alguns atos e participou de outros organizados por outras entidades. Se não me falha a memória, foi o primeiro ato convocado pela UNE e pela Ubes que efetivamente significou o início do movimento pra valer enquanto movimento de massas, porque tinha sido realizado o ato junto com a CUT nacional, com as CUTs regionais, com entidades de professores, com a OAB, a ABI. Houve uma série de manifestações que antecederam as manifestações estudantis propriamente ditas. Todas elas muito pouco concorridas, atos pequenos, muito pouco significativos. Na minha forma de ver, o 'Fora Collor', enquanto movimento de massa propriamente dito, é um susto. Ninguém esperava que aquele 11 de agosto, uma quarta-feira, se não me falha a memória, fosse ter o peso que teve. Cerca de 20 mil pessoas na rua, em São Paulo. Era muita gente! Lembro de ter conversado com André Bezerra, o André do PC do B, da executiva da UNE naquela época, diretor de imprensa. Ele era o principal dirigente do PC do B na UNE naquele período. Tenho a impressão de que ele era provavelmente o maior articulador de fato do Fora Collor. Eu lem-

bro de conversar com o André e ele contou que tomou um susto quando chegou no Masp [Museu de Arte de São Paulo] e disse: "Espera aí, isso é o negócio que a gente organizou? É isso mesmo? Essas pessoas estão aqui pra isso? Elas vieram pra participar desse troço?" A UNE não fazia uma manifestação com 20 mil pessoas há muito tempo! Ela participava de manifestações que outras entidades organizavam. Inclusive, acho que essas manifestações de 1988, no Rio, foram as maiores manifestações estudantis no Brasil em muito tempo. Durante cerca de dez anos não houve nada com as mesmas dimensões. Aí veio o Fora Collor, a maior movimentação de massa da história do Brasil. Outro dia, o Lindberg me mostrou as fotos da praça Charles Muller, ali no Pacaembu, em São Paulo, no Comício das Diretas e no dia do Fora Collor. São fotos da Folha de S.Paulo. E no Fora Collor você vê que é maior a manifestação. O PC do B, quando insistia nessa palavra de ordem, não sabia no que ia dar. Ninguém sabia. A palavra de ordem, no meu ponto de vista, era politicamente correta, tinha que ser aprovada mesmo. Mas ninguém pode dizer que "a gente tava propondo esse negócio porque já sabia". E eles não dizem. Você conversa com o pessoal do PC do B e eles não dizem isso. Eu estava no Rio no dia da manifestação, participei da passeata na sexta-feira, que foi muito grande também. Foi um ou dois dias depois da manifestação em São Paulo. Aliás, de maneira geral era assim: havia uma grande manifestação em São Paulo e tinha um eco logo em seguida no Rio (quase sempre um pouco menor), depois outros ecos espalhados pelo país. Mas o epicentro era sempre São Paulo. O Fora Collor aconteceu praticamente todo nessa base. Conversando com o André, talvez ele vá te dizer alguma coisa parecida.

E a Manifestação de 11 de



agosto?

O 11 de agosto não é aquele dia da resposta ao “Saíam todos de verde-e-amarelo”, que foi num domingo? Conta o que aconteceu logo depois do 11 de agosto.

O Collor reage ao 11 de agosto convocando a população a sair de verde e amarelo no domingo. Foi a maior estupidez que o cara cometeu. Bem, ele cometeu várias, mas essa foi das maiores, porque a resposta foi exatamente o oposto do esperado. No ato dos taxistas em Brasília, ele foi assinar alguma coisa pros taxistas, que foram dar apoio a ele. Nesse dia, se sentindo popular, porque tinha um monte de taxistas em volta dele, ele convoca essa reação. “Saíam todos de verde e amarelo no domingo para mostrar seu patriotismo, pra mostrar o apoio ao governo, que vocês não estão com os conspiradores, golpistas”... e coisas do gênero – se não me falha a memória, isso foi no mesmo dia da manifestação do Rio. Ou seja, ele já percebia que havia manifestação de massas maior do que aquelas pequenas que já vinham acontecendo e resolveu chamar outra maior. E o domingo foi um domingo negro no país inteiro: todo mundo saiu de preto. Foi uma coisa em grande medida espontânea mesmo, no sentido de que muita gente pensou na mesma coisa ao mesmo tempo. Num outro sentido, não. Você sabe que havia várias entidades importantes dando orientação, como a CUT, a UNE dizendo: “saíam de preto no domingo”. Mas muita gente fez isso com um caráter espontâneo. Então, eu diria que foi um pouco das duas coisas. Houve a convocação das entidades, mas também essa multiplicação, todo mundo falando: “Pô, o Collor disse que é pra sair de verde e amarelo. Só de sacanagem, vamos sair de preto, pra ele ver como é que é.”

Qual é o peso do movimento secundarista e da Ubes na organização das passeatas?

O peso dos dois não é igual. O peso do movimento secundarista é totalmente determinante. Todas as passeatas tinham sempre muito mais secundaristas do que universitários: no Rio, em São Paulo. O peso da UNE na direção do movimento é menor, o que, inclusive, deixava seus diretores meio irritados, com razão – afinal, a UNE era a entidade famosa, conhecida, a UNE heróica, a UNE dos anos 60, da luta contra a ditadura. Então, quando a imprensa, por exemplo, procurava as pessoas pra darem declaração, era, de preferência, a diretoria da UNE. A grande figura do Fora Collor é o Lindberg, então presidente da UNE. Mas quem botava gente na rua, muito mais do que a UNE era o movimento secundarista. Tinha muito universitário, evidentemente, mais do que tinha havido nos últimos 20 anos, aproximadamente, no movimento estudantil. Talvez na época das Diretas tenha acontecido algo semelhante. Mas a presença secundarista era maciçamente superior à presença universitária. Apesar disso, a figura com mais projeção do Fora Collor é o Lindberg e a entidade mais fortemente ligada ao movimento é a UNE. O que é uma maldade, eu diria, com o pessoal da Ubes, que era efetivamente quem organizava a mobilização dos secundaristas, que passava pelas escolas para convocar o pessoal pra formar os grêmios.

Em sua opinião, o que explica a pouca expressividade da UNE no período anterior a 1992? O que muda após o episódio do Fora Collor?

A situação da UNE, antes e depois do Fora Collor, do ponto de vista de expressão e de representatividade, é um negócio curioso de se comparar. Quanto à representatividade, mudou muito pouco, porque o vínculo da vida associativa estudantil na base, especialmente dos centros acadêmicos com a UNE, é muito rarefeito. A UNE vinha passando por um processo de institucionalização muito forte, que se radicaliza no período posterior ao Fora Collor, em especial pelo fato de a UNE passar a ter fontes de sustentação financeira regulares, coisa que não existia antes, sobretudo por conta da aprovação da lei da meia-entrada para estudantes nas capitais, que estava acontecendo desde o final de 1991, mas se materializa exatamente em 1992. Esse fato permitiu uma profissionalização, uma institucionalização da entidade, mas produziu também um distanciamento maior ainda da base. A UNE se fecha, se constitui enquanto uma burocracia. Não estou dizendo isso como uma crítica política, mas do ponto de vista da análise de uma organização. A representatividade da UNE, no pré-Fora Collor e no pós-Fora Collor, muda pouco. Logo após o Fora Collor, muito mais estudantes passam a se interessar pela UNE. Só que essa onda desaparece em dois anos. A última grande manifestação estudantil que a UNE organizou foi em 4 de maio de 1993, se não me engano – uma grande greve em torno das mensalidades e com algumas bandeiras das universidades públicas também. Houve alguns atos muito expressivos: em São Paulo cerca de 50 mil pessoas foram pra rua. Mas isso foi se dissolvendo depois e a re-

presentatividade da UNE voltando aos seus patamares anteriores. Acho, inclusive, que piora. Mas a expressão da UNE enquanto entidade importante e reconhecida publicamente melhora muito. Ela passa a ser chamada para grandes movimentações políticas em âmbito nacional. A UNE vai ser muito importante no combate ao governo Fernando Henrique, é uma das primeiras entidades a adotar uma posição mais dura em relação ao governo, logo no início. Nesse período, inclusive, o PT tinha uma posição muito vacilante em relação ao governo. Boa parte dos dirigentes petistas afirmava que o governo era um governo em disputa; que o PSDB era um partido em disputa; que o problema do governo não era o PSDB, era o PFL. A UNE já toma uma posição muito clara: o governo Fernando Henrique é de orientação nitidamente neoliberal, privatista, voltado para a abertura da economia, e nós somos contra isso, ponto. Enquanto o Lula, por exemplo, dá declarações esquisitas sobre a greve dos petroleiros em 1995, na Gazeta Mercantil, dizendo que a greve “tem que acabar, é uma irresponsabilidade”, que “o Fernando Henrique está usando a greve pra desmoralizar a esquerda”, a UNE tomou uma postura de apoio aos petroleiros. Então, as coisas que a UNE faz nos cinco, seis anos depois do Fora Collor, têm expressão. Acho, inclusive, que têm expressão até hoje e em grande medida isso resulta do período do Fora Collor. Mas enquanto entidade, que representa os estudantes, não mudou. Pelo contrário, é uma entidade mais burocratizada hoje, por conta dessa sustentação financeira que passou a existir.

Fernando Gusmão

No dia 24 de dezembro de 1968, nasceu em Pernambuco, na cidade de Recife, Fernando Paulo Buarque Gusmão. Seu pai, Paulo Buarque de Gusmão, era sargento do Exército e foi preso pelos militares em 1964, vindo a morrer em 1976, quando Fernando tinha ainda oito anos. Completou o primeiro e o segundo grau em sua cidade natal e passou para Universidade Federal de Pernambuco em 1988, para cursar de engenharia elétrica. Logo em seguida, entrou para o PCdoB, transferiu-se para o curso de economia e, em 1991, começou a atuar na UNE.

Fernando Gusmão foi eleito presidente da UNE em 1993, substituindo Lindbergh Farias, tendo exercido seu mandato até 1995.

Em sua gestão, no mês de maio de 1994, durante o governo Itamar Franco, a UNE recebeu de volta o terreno da praia do Flamengo que havia sido tomado pelo governo militar. A sede havia sido incendiada pelos militares, depois da deposição do então presidente João Goulart, em 1964.

Em outubro de 1996 foi candidato a vereador na cidade do Rio de Janeiro pelo PC do B, tendo obtido uma suplência. Na Câmara dos Vereadores do Rio da Janeiro, tomou posse em 1999. Foi reeleito em 2000 e 2004, tendo deixado o mandato de vereador em virtude de sua eleição para deputado estadual pelo PC do B no Rio de Janeiro em 2006.

O 42º Congresso da UNE, que foi em Niterói, elegeu o Lindbergh Farias como presidente. Como foi?

Eu participei do congresso. Fui eleito para a diretoria da UNE. Foi a primeira diretoria de que eu participava. Fui vice-regional, vice-Pernambuco e Paraíba. O Lindbergh foi presidente da UNE. Foi um congresso

dominado pela questão, não das Diretas, mas pelo Fora Collor. A gente estava no meio do processo do Fora Collor, se aprovava ou não o Fora Collor. Era esse o embate de 1992. O Collor saiu no final de 1992, e todos estavam naquele embate grande. O PT era contra, achava que era errado uma entidade como a UNE aprovar o Fora Collor, como se fosse uma bandeira golpista. Mas a gente aprovou o Fora Collor, e saiu de lá com essa bandeira, que foi vitoriosa.

Você pode contar para a gente como foi essa experiência do movimento dos “caras-pintadas”?

Eu fiquei em Pernambuco, e não em São Paulo. Em São Paulo, eu não sei muito o que aconteceu. Em Pernambuco, a gente fez muitas passeatas. As passeatas de Pernambuco eram muito grandes e colocávamos o carro de som com as pessoas em cima, música. Era uma manifestação diferente das que tinham antes, porque não tinha manifestação assim. Terminava a passeata com música. Há doze anos, nem se pensava em terminar a passeata com música. E, também, isso aconteceu em outras capitais. Os estudantes se caracterizavam. Há muito tempo os estudantes não se caracterizavam de nada. Pintavam a pizza, vestiam-se de presos, faziam uma jaula. Então, isso foi uma coisa que aconteceu em Pernambuco. A gente fez, pelo menos que eu me lembre, três grandes passeatas e uma grande que terminou na Dantas Barreto, que é uma avenida principal em Pernambuco. Essa passeata foi enorme e com cento e tantas mil pessoas. A gente terminou muito bem as passeatas, no final todo mundo falando. Essa não foi a passeata do final do *impeachment* mesmo. Quando ele aconteceu, foi uma passeata muito bonita mesmo

e, também, terminou na Dantas Barreto.

Mauro Panzera

Mauro Panzera nasceu em Salvador, em setembro de 1969. Filho de militantes políticos, passou sua infância na clandestinidade e começou a participar do movimento estudantil na Escola Técnica Magalhães Barata (Belém), onde ajudou a fundar o primeiro grêmio estudantil da região, pós-ditadura militar.

Panzera foi presidente da Umes, em 1989, pela chapa Viração. Foi eleito para a diretoria da Ubes como secretário de imprensa em 1990. No Congresso de reunificação da entidade em 1992, foi eleito coordenador-geral da UBES, atuando como articulador da campanha do “Fora Collor”.

Encerrou seu mandato na Ubes em 1993 e passou a integrar a comissão de propaganda do PCdoB. Fez o curso de Comunicação Social e Publicidade da Universidade Federal do Pará e abriu uma agência de publicidade.

Como é que surgiu essa idéia de pintar a cara?

Foi o seguinte: os caras-pintadas surgiram com essa primeira manifestação, ali, na área de concentração da passeata que era no Masp [Museu de Arte de São Paulo]. Inclusive, eu e o Totó fomos os primeiros, pois a gente ficou de parar o [Colégio] Objetivo ali, na avenida Paulista. Não conseguimos, mas trouxemos umas 50 pessoas de lá. Estávamos nós, essas 50 pessoas, um carro de som grande e lentamente começou a chegar a turma das escolas. Até que chegou uma escola que era, se não me engano, a Oswald de Andrade, uma escola particular de São Paulo, que chegou com uma turma animadíssima e com algumas meninas com

o rosto pintado de verde e amarelo. Então, rapidamente, eu, o Totó e o Reinaldo, achamos que seria um negócio bacana pintar e fantasiar todo mundo. Começou a chegar muita gente, muito mais do que a gente esperava, na verdade. Então, fomos à papelaria próxima e compramos alguns potes de tinta guache e saímos pintando todo mundo, sem a expectativa de que isso viraria uma marca. Essa escola tinha participado da chegada do pessoal do vôlei que tinha ganhado medalha e tal. E nessa história do vôlei, a juventude que estava lá estava com a cara pintada. Então, na verdade, a origem foi o vôlei, se quiser pensar. Depois foi a escola Oswald de Andrade que trouxe para a passeata. A gente olhou, achou legal, comprou guache e saiu espalhando no outro dia as fotos dos estudantes nos jornais, todos tinham as caras pintadas. Daí foram surgindo os caras-pintadas. O guache passou a ser obrigatório nas passeatas como bandeira das entidades.

Os caras-pintadas vieram depois, então?

O Collor fez um chamamento para que a sociedade o defendesse e saísse de verde e amarelo nas ruas para contrastar exatamente com os caras-pintadas! Isso foi logo depois, na segunda passeata, no Rio. A primeira foi em São Paulo e a do Rio já não exigiu tanta preparação porque a primeira repercutiu muito: a gente marcou e rapidamente começaram a surgir estudantes de tudo quanto é lado querendo construir, querendo organizar, aquela efervescência. Então a gente fez uma passeata maior ainda no Rio. Se não me engano, foi numa semana a passeata em São Paulo, no dia 11 de agosto e, na outra semana, já teve essa passeata no Rio. Essa de São Paulo teve mais de um mês de preparação, essa outra teve uns três dias... para vocês terem

uma idéia. E no fim de semana seguinte, Collor pediu para que o povo saísse às ruas para defendê-lo de verde e amarelo. E nós organizamos para que todo mundo saísse nas ruas de preto no domingo! Nesse domingo, duas semanas após essa primeira passeata, foi uma loucura ali no Rio: manifestações que vinham de todos os lados! Essa foi a mais espontânea das manifestações, pois o pessoal pintava a cara. Nós fizemos a mesma coisa em São Paulo também, só que, no meio disso, a gente tirou a posição de que não devia ser preto, devia ser verde e amarelo mesmo. Então, isso criou um problema com a Folha de S. Paulo que começou a defender o preto e tal, mas nós não: “Verde e amarelo, verde e amarelo, verde e amarelo.” Acabou ficando preto, verde e amarelo. Mas porque a nossa tese era que não dava para entregar o verde e amarelo para o Collor porque o verde e amarelo era nosso! Tanto é que numa passeata que aconteceria no dia 25 de setembro – não sei se 25 de setembro ou de agosto – nós já conseguimos maiores recursos (as pessoas queriam nos ajudar, todo mundo queria nos ajudar) – e nós compramos (mandamos fazer, se não me engano) 50 mil bandeiras do Brasil de plástico, exatamente para a passeata ser verde e amarela. Não tinha essa do Collor... Então esse episódio foi assim.

Mauro, o Lindberg Farias, no depoimento dele, relata que, naquele ano, estava passando na TV Globo Anos rebeldes e que isso teria dado um estímulo muito maior para os jovens quanto à questão da luta contra a ditadura, refletindo no movimento estudantil naquele momento.

O que você acha disso?

É o seguinte: sobre a influência

deste seriado, foram tiradas duas pessoas para fazer os materiais da convocação da assembléia. Eram tidos como os nossos marqueteiros: fui eu e o Leandro, que era da UNE e do MR-8. Então, a gente bolou um materialzinho que foi o panfleto que iria para a escola com o título: “Anos rebeldes: próximo capítulo”. Fui eu e ele que escrevemos o panfleto numa linguagem ampla, chamando o cara que gostava do [jogador] Marcelo Negrão, o cara que gostava do vôlei, e da menina que era protagonista da série, a Cláudia Abreu. “Você que gosta de Marcelo e da Cláudia Abreu, traga o seu cachorro, seu papagaio, seu gato. Traga todo mundo e vamos, com muita alegria, mostrar que o Brasil não quer corrupção, quer fora Collor e tal.” Então essa primeira passeata, do dia 11 de agosto, ela já surgiu com esse título, aproveitando esse mote da televisão para fazer uma manifestação simpática. Isso criava problemas, inclusive, dentro do próprio movimento estudantil. Mas a partir daí já tinha um outro comando: “O povo não é bobo! Abaixo a Rede Globo!” Não tinha o tal do bordão? Então, eu achava que não era bacana a gente usar isso, mas quem estava à frente achava que não: tinha que aproveitar essas coisas que atraíram. Pouco antes houve num show da Daniela Mercury, que foi muito badalado em São Paulo e que trouxe a explosão do axé para São Paulo. Usamos o tempo todo as músicas baianas, por exemplo, nessas manifestações, sem achar que isso fosse despolitizar a manifestação. Mas é que a gente fazia uma manifestação que era da nossa turma de estudante que gostava disso que se animava com isso. Então, a gente aproveitou Anos rebeldes. Não vejo nenhum problema nisso, não acho que a mobilização foi causada pelo seriado. Tinha al-

guém que marcava a passeata, tinha alguém que botava trio-elétrico. Se você fosse botar uma emissora de televisão para ir um dia para filmar um pessoal na avenida Paulista, só teria estudantes lá se as entidades estudantis tivessem chamado, senão não teria. Passou a existir grêmio rapidamente. É um fenômeno que vocês, assim, precisam pesquisar... Para se entender, tem-se que acompanhar... Passa a surgir grêmio, gente querendo participar, gente querendo ajudar toda hora. As sedes das entidades viviam uma loucura porque é quando as entidades estudantis acertam no centro da questão. E nós acertamos, acho. Não foi por causa do seriado, foi por causa do “Fora Collor”, desse sentimento da galera lá.

E como é que fica a relação com a UNE? Então, a UNE é que tem uma aproximação com vocês?

A relação com a UNE é muito boa, muito positiva. A UNE foi a principal entidade no “Fora Collor”. Apesar de não ser a principal mobilizadora – o público secundarista é maior. A UNE foi a principal entidade, o Lindberg foi o principal líder do “Fora Collor”. Isso aí é inegável, não tenho problema com isso. Ao contrário, a gente estimulava isso em determinado momento, pois era importante para nós ter porta-vozes. E o Lindberg se colocava como porta-voz porque era simpático, aceito pela sociedade e pelos estudantes, uma vez que a nossa disputa não era para cada um ser um líder ali, era para a gente fazer o movimento. O Lindberg se colocou muito bem, foi apoiado por nós e teve a nossa ajuda nas dificuldades – ele teve dificuldades, por exemplo, por ser um cara que tinha de estar em vários lugares e a gente fazia as coisas adequando à agenda dele – a minha e a do Totó também, mas principalmente a dele. A sede da UNE e a sede da Ubes são

no mesmo lugar, na rua Vergueiro, lá em São Paulo. São entidades que se confundem, são entidades irmãs, mesmo. A UNE tem uma presença maior na sociedade até pela composição social, pelo nível de responsabilidade. As pessoas levam mais a sério o cara que é mais velho, o cara que já é universitário, mais do que um secundarista que está pretendendo ser. Não tenho nenhum problema com isso. Agora, a mobilização — isso é inegável — foi feita pelas Ubes, que teve uma participação e decidia sobre as questões. Eu diria que, durante todo esse processo, a Ubes tinha mais poder de decisão do que a UNE. Poderíamos dizer: “Olha, a passeata vai ser tal dia”, porque a UNE não podia marcar uma passeata sem a Ubes. Apesar de não existir essa briga, isso só existe nas nossas brincadeiras. Tanto que até as correntes eram as mesmas. As correntes que existiam na UNE eram as mesmas da Ubes.

Orlando Silva

Orlando Silva Júnior nasceu em 27 de maio de 1971 na cidade de Salvador, na Bahia. cursou o secundário no colégio estadual João Florêncio Gomes, também em Salvador. Em 1988, organizou e dirigiu o grêmio estudantil do colégio. No movimento estudantil, filiou-se ao PC do B. Em 1989, ingressou na faculdade de direito na Universidade Católica de Salvador (UCSal). De 1990 a 1991 foi membro da diretoria do Centro Acadêmico Teixeira de Freitas. Nesse último ano, foi eleito para a direção do DCE da sua universidade, onde permaneceu até metade de 1992.

Foi eleito tesoureiro da UNE no 42º Congresso da entidade, em junho de 1992, Niterói (RJ). Já no 43º Congresso da UNE, em Goiânia, foi

eleito Diretor de Comunicação e, em junho de 1995, foi eleito presidente da UNE no Congresso realizado em Brasília, tendo sido o primeiro estudante negro a ocupar o cargo. Sua gestão foi marcada pelas lutas contra o “Provão”, sistema de avaliação e ranqueamento das universidades proposto pelo Ministério da Educação. Seu mandato encerrou-se em 1997.

Em janeiro de 2003, com a eleição de Lula para a Presidência da República, assumiu o cargo de Secretário Nacional de Esporte Educacional no Ministério dos Esportes e depois o de secretário-executivo do mesmo Ministério. Em 2006 foi nomeado Ministro dos Esportes, cargo que exerceu até 2011.

Como foi 42º Congresso da UNE, em que você foi eleito tesoureiro da entidade? Quais foram as questões de pauta no Congresso que o elegeu para a diretoria?

Esse congresso, para mim, começou uma semana antes, pois Lindberg [Farias], que era nosso candidato a presidente, e o Alemão [Ricardo Abreu], que era tesoureiro da UNE, ligaram para mim, para conversar: “Velho, você vai ter que vir aqui morar em São Paulo.” “Mas que história é essa?” Havia se realizado um evento anterior, o Conselho Nacional de Entidade de Base, que uniu os CAs [Centros Acadêmicos], e a gente fez um escarcéu em São Paulo. Levamos uma delegação grande da Bahia e acho que ficamos muito animados comigo. Telefonaram com essa idéia... Eu estava com 20 anos, quer dizer, me considerava muito novo e era uma surpresa: vivia em Salvador, minha vida era Salvador e a adorava. Aí o cabra me liga e diz: “Você vai morar em São Paulo.” Fiquei meio atônito; procurei a direção do PCdoB da Bahia, pois que eu vivia lá, e eles disseram: “Não, não e não, pelo amor de

Deus, mais um baiano ir embora daqui!?! Não.” Estavam vendo em mim a chance de fortalecer o nosso trabalho na universidade. Mas o fato é que conversei um pouco com minha família sobre essa hipótese e ela me deu uma força: “Um ano, né, um ano você vai e volta...” Então, viajei meio impactado com isso: o medo da família e da namorada, a universidade e o partido criticando. Mas fui para o congresso de Niterói, que foi bem interessante. Era o governo de Fernando Collor, uma fase muito difícil do país que vivia uma crise brutal, uma recessão econômica fortíssima, as universidades arrasadas, um financiamento muito restrito, uma liberdade total das escolas particulares para aumentar as mensalidades... O ambiente era muito ruim, muito difícil. O movimento estudantil estava numa fase de retomada depois que Patrícia foi eleita porque nós, digamos assim, retomamos a direção das mãos do PT e crescemos muito no movimento estudantil. Esse congresso em Niterói foi bastante representativo e como havia a expectativa de que assumisse um papel importante na UNE, foi um congresso diferente para mim. Estive no congresso de Brasília, quando ainda era calouro, participando, discutindo e tal, sem muito compromisso. No congresso seguinte, em Campinas, já coordenei a bancada e me tiravam para assumir outras responsabilidades. Foi complicado, pois lembro da minha primeira tarefa. Logo que cheguei, alguém me disse: “Meu irmão, você tem que resolver o que está no credenciamento.” Havia o problema do credenciamento. Junto com um companheiro que foi da UNE, Darlan Montenegro, ficamos por conta disso. Foi um inferno, pois estava muito desorganizado, ainda não havia informatização no processo de credenciamento. No final, deu certo. Quero chamar a atenção para o seguinte: já

descolara um pouco do trabalho local e passei a ter uma responsabilidade mais nacional. Esse de 1992 foi um congresso em que o posicionamento da UNE com relação ao governo Collor era o centro da polêmica. A posição, que nós influenciámos, foi levantar uma palavra de ordem que era “Fora Collor”. Era muito controverso, naquele momento, porque o PT era contra essa posição e analisava assim: [Luiz Inácio] Lula [da Silva] perdeu a eleição em 1889, mas em 1994 era inevitável que iria ganhar, tanto que tinha um adesivo “Feliz 1994” com a cara de Lula. Eles achavam que era um “golpismo”, era absurdo queremos interromper um mandato do presidente eleito democraticamente. Mas como era o [Fernando] Collor de Mello, tínhamos uma outra leitura, achávamos que do jeito que o país estava, ia arrebentar com tudo, não tinha condição nenhuma, não tinha legitimidade, um governo afundado em denúncia de corrupção, etc. Era uma polêmica muito forte e interessante porque era política e teórica também. Particpei de um grupo de discussão polemizando com o companheiro da Bahia, que era diretor da UNE, o Bira [Ubiratan Cassano], que hoje é da Federação Nacional dos Engenheiros. Ele me acusava com “diz-que-me-diz”, e falava: “O camarada Orlando imagina que está nos tempos da Revolução Russa, quando o Lênin levantou a palavra de ordem ‘Fora Kerensky’! Mas era um período revolucionário, não se passa aqui no Brasil esse tipo de coisa.” Quer dizer, voltava-se lá atrás num debate teórico e conceitual sobre transição, ruptura, reforma, revolução... Era uma discussão interessante, pois ajudava muito na nossa formação política porque no mínimo o cara ficava curioso, via uma polêmica daquela e voltava para casa para ler e tal. Era um pouco isso...

Ao final do congresso havia duas propostas: uma campanha para interromper o governo Collor ou pausar mais a luta pela mudança na universidade. Depois dessa conversa toda, ganhou a nossa tese do “Fora Collor”. Esse congresso se desenrolou na antevéspera de um grande movimento político que foi a luta contra Fernando Collor. Nele virei tesoureiro da UNE. Uma semana depois voltei para São Paulo e acabei não saindo mais de lá.

Qual foi a estratégia de participação dos estudantes nesse momento do “Fora Collor”?

Aprovou-se o “Fora Collor” nesse congresso. Só que de aprovar uma palavra de ordem até se tornar realidade tem uma distância bem grande, né? E assim, depois que saímos do congresso, a diretoria se uniu em torno dessa idéia do que fora aprovado e até quem era contrário acatou, ainda que refratariamente, se somando. Foi muito interessante aquele período, tem tanta historinha que eu iria ficar aqui conversando um bocado, mas vou tentar falar o principal. Chamou nossa atenção, logo na semana seguinte ao congresso, a manifestação durante a ECO 92 [conferência mundial sobre ecologia], no Rio de Janeiro, em que Lindberg participou. A gente conversou depois e ele disse: “Pô, me chamou a atenção repercussão positiva dessa agitação do ‘Fora Collor’.” Quando fez o discurso e fundamentou a necessidade de pôr fim ao governo, ele sentiu e afirmou: “Olha, isso pegou e vai repercutir aí.” Teve sensibilidade, percebeu naquela hora e, aos poucos, começaram a acontecer fatos. Chamou minha atenção o encontro de estudantes de Direito, em Belo Horizonte, onde houve um ato público, com um pouco mais de 1.500 estudantes, uma coisa assim,

no qual ficou marcada essa idéia do “Fora Collor”. Mas a primeira manifestação aconteceu, eu diria, dia 8 de agosto e não no dia 11 – o dia 11 passou para a história como a primeira manifestação de São Paulo, mas no dia 8 aconteceu um ato na praça da Sé, quando houve uma polêmica interessante, pois uma semana antes, a gente reuniu a executiva da UNE com a da Ubes, no Rio Janeiro, para discutir a estratégia de encaminhamento do “Fora Collor” e o pessoal secundarista, que era mais decidido, falou: “Vamos marcar uma passeata para o dia 11 de agosto, Dia do Estudante, para lançar essa campanha.” E o nosso pessoal, alguns [membros] da UNE estavam meio assim: “Será que é o caso? Vamos agir em conjunto?” Porque estava se formando um movimento pela ética na política, então, alguns apostavam na seguinte estratégia: “Vamos montar uma frente ampla e tentar influenciar esse movimento com a nossa bandeira, com a nossa pulsão.” Acho que isso que tinha que ser feito, a turma da Ubes foi que falou assim: “Nós vamos fazer um movimento de estudantes.” Foram mais determinados... acho que a história e o pessoal da UNE deviam registrar isso. Mas no final, o acordo foi o seguinte: todos participaram do movimento em conjunto, da vigília que houve no Congresso Nacional, do comício que houve na Praça da Sé, que não foi muito grande, mas representativo. Devia ter umas três ou quatro mil pessoas com todo mundo: OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], CUT [Central Única dos Trabalhadores], CNBB [Congregação Nacional dos Bispos do Brasil], etc. Todos se concentraram no dia 11 de agosto para fazer uma grande manifestação. A estratégia que usamos foi ligar a manifestação pelo “Fora Collor” a lutas específicas e trabalha-

mos a subjetividade dos estudantes em função daquela minissérie [da TV Globo] Anos rebeldes. Tanto que já devem ter falado para vocês do cartaz com uma foto de passeata com a inscrição: "Anos Rebeldes – próximo capítulo: Fora Collor!". Essa era uma jogada que a gente fez no cartaz, eu me lembro, no carro de som, a gente tocava a música do Caetano: "Caminhando contra o vento..." que era a música da minissérie e depois entrava uma locução chamando para a passeata. Foi uma coisa bem interessante porque a gente montou uma estratégia de guerra e aí jogou o papel a UJS [União da Juventude Socialista], o PCdoB, o MR-8 [Movimento Revolucionário 8 de Outubro], a JR-8 [Juventude Revolucionária 8 de Outubro], que teve um papel importante em São Paulo. Era uma estratégia de guerra em que, durante 15 dias, nos encontrávamos na sede da UNE, todo dia de manhã cedinho – quando não dormíamos na sede mesmo – e saíamos sempre bem cedo com entre cinco e dez carros de som. E como existia aquela disputa do movimento, sempre ia alguém de uma, e outro da outra corrente no mesmo carro de som para disputar quem mobilizava mais e tal. Foi uma guerra muito saudável em torno dessas primeiras manifestações, estava todo mundo com muita gana, muita garra para querer influenciar mais gente e, por isso, acabou tendo uma boa manifestação. Com Leonardo Severo fui para a Unip [Universidade Paulista], mobilizamos os alunos durante uma semana, mas quando saímos de lá não tinha muita gente, só uns cem alunos, que falaram assim: "Ah, cara, cem é muito pouco, mas vamos fazer uma 'metroata'." Aí passamos no Colégio Objetivo [no bairro] da Aclimação. Dali saiu um tanto de alunos; passamos em outro colégio perto, saiu outro tanto... Fizemos a

metroata e, quando a gente saiu do metrô duas estações depois, havia um número bem razoável de alunos e chegava mais gente de ônibus, chegavam outras metroatas e caminhadas e foi realizada uma belíssima manifestação. Ou seja, a estratégia política era ligar a luta pelo fim do governo Collor à denúncia do que tinha do esquema de corrupção que indignava as pessoas, e trabalhar a subjetividade da moçada ligando à experiência de combate à ditadura. Nosso objetivo era o seguinte: "Sim, é possível mobilizar!" As pessoas ficaram tocadas com a minissérie, mas parecia uma coisa do passado e a gente dizia: "Não, não é do passado! Os desafios continuam hoje com outras formas. Vamos para a rua!" Houve uma coisa da qual pouco se fala antes do dia 11, que acho que vale a pena registrar: a posse da diretoria da UNE aconteceu durante a reunião da SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência], em São Paulo. A gente sentia que tinha uma coisa diferente, seja pela ECO 92, pelo discurso de Lindberg, em que havia uma coisa diferente e a posse da UNE foi muito representativa. Estavam a [Luísa] Erundina que era prefeita [de São Paulo] e o Ênio Candotti, que era o presidente da SBPC. Uma coisa bem legal. Bolei o slogan do convitinho da posse que era assim: "Collor na CPI e a ciência na UTI!", que era um esforço de estabelecer essa ligação, que tinha a ver, não era por acaso que as universidades estavam sucateadas, tinha a ver com a discussão de política de governo que estava acontecendo na CPI, porque não era só sobre a corrupção, era também sobre o rumo do país. Foi uma posse muito concorrida, mas quando a gente sentiu que esse discurso "Fora Collor" pegava, então... Eu até arrepio, assim, quando me lembro, porque naquelas horas sentíamos que se pros-

seguíssemos dava para acontecer. E aconteceu, né?... Em São Paulo, em 11 de agosto; no dia 18, no Rio; e no dia 25, em Pernambuco, foi uma megamanifestação; em Salvador, em 26 de agosto; e outra em São Paulo [no dia 25 de agosto] que foi maior ainda que a primeira. E foi o que todo mundo viu: um furor, uma coisa assim. Era muito emocionante ver aquela movimentação e, nas segundas manifestações, quando a gente passava em sala a turma e levantava, fazia-se um arrastão nas universidades, mudou o clima, não era aquela guerra para mobilizar o pessoal. Então, era uma coisa que arrepia só em lembrar como era... a turma espontaneamente pegava tinta para pintar o rosto, era uma coisa...

Como é que começou isso de pintar o rosto?

Não sei dizer... lembro-me, porém, que na primeira manifestação já aconteceu. Recebi uma tarefa inglória porque, quando aconteceu a primeira passeata, eram uns cinco mil alunos, tive a tarefa de ficar administrando com a polícia. Desci do caminhão e passei o tempo todo negociando porque a polícia queria nos espremer e nós queríamos ocupar mais faixas na [avenida] Paulista e na [avenida] Brigadeiro [Luís Antonio]. Assim, não vi de onde veio essa idéia. Vivi um episódio interessante, uma coisa muito emocionante: tinha um menino que, nunca mais o vi, chamava-se Thiago e estudava na Universidade São Judas Tadeu; quando começou a movimentação, ele se dirigiu para a sede da UNE, para ajudar a gente e teve uma bela idéia. No meio da manifestação, falou assim: "Orlando, vamos comprar um disco dos Anos rebeldes e botar a música do Caetano no final da passeata." Respondi: "Poxa, bicho, que puta idéia você teve!" Aí, a gente juntou uma graninha e ele foi comprar um

disco e tínhamos uma fita com o Hino da UNE. Quando acabou a manifestação, o pessoal mais engajado ficou muito emocionado, porque já havia um tempo que não se tinha uma passeata grande e a gente colocou o Hino da UNE. Mas antes colocamos a música do Caetano e quando ela tocou tinha de moleque a dirigentes chorando por termos conseguido fazer uma grande manifestação como há muito tempo não havia, né? Coisas assim são legais porque às vezes acontece por iniciativa de uma pessoa como a desse moço aí, que nunca mais vimos, não sabemos onde anda Thiago... Tomara que ele tenha continuado participando.

Orlando, você destacaria mais alguma coisa na gestão de Lindberg?

Ah, foi o impeachment, não é? Lindberg foi a pessoa certa, no momento certo, ele é um cara muito sensível, mostrou uma capacidade grande de articulação política. Houve um episódio curiosíssimo, porque éramos a minoria na executiva da UNE – existiam 11 membros na executiva e o PCdoB só ti-

nha três: o Lindberg, como presidente, eu como tesoureiro, e o André [] como diretor de comunicação. E o movimento do impeachment cresceu, cresceu... aquela coisa. Tivemos uma personalidade política que ficou fora e quase perdeu o bonde da história, chamado Leonel de Moura Brizola, que ficou naquela coisa – dizem que por conta da eleição e tal – mas Brizola tinha que participar desse movimento. Lindberg, um dia, o convidou para participar. Ele queria vir, já estava topando, só que as contradições do movimento estudantil... Veja como a vida é: o PT queria que Brizola entrasse para que se desgastasse, pois haveria eleição na hipótese de Collor sair e nesse caso Lula era candidato. Então, o PT queria desgastar Brizola ao máximo; Quécia era candidato e a turma do PMDB também queria desgastar Brizola ao máximo; o PSDB também poderia ter um candidato que era um outro moço da executiva da UNE, o [Marcus Vinícius] Salum... Juntaram-se todos os petistas com os nossos aliados da UNE (que eram o PMDB e o PSDB) contra nós porque queríamos fazer um movimento pró-Brizola. Foi uma noi-

te inteira de reunião com a executiva da UNE porque eles queriam impedir nossa participação na manifestação, pois Lindberg tinha tomado a iniciativa pró-participação de Brizola. Acabou que implodimos a executiva da UNE e Brizola veio, o que foi um belo ato se somando àquela corrente cívica. Assim, destacaria na gestão de Lindberg mais que um episódio isolado, diria que ele foi um cara importante, o homem certo na hora certa, pela sagacidade. Temos um laço muito forte mesmo em momentos difíceis, como quando houve muita denúncia de que a carteirinha estava sendo manipulada pelo PCdoB e toda aquela onda. Ficamos um pouco na defensiva, mas declarávamos: "Não temos o rabo preso, então, vamos para a ofensiva." Aconteceu um evento importante no primeiro semestre de 1993, a greve nacional dos estudantes, no dia 4 de maio. Eram as sacações que Lindberg tinha... portanto, foi um cara importante pela sensibilidade política que ele teve.

